

Opinião

A Economia e o Humanismo de Joseph Lebret

Por Marcos Costa Lima

Este texto é um excerto de um capítulo de livro recém publicado no final de 2016 com o título: *Diálogos com Lebret 60 anos depois*, organizado por Francisco Jatobá de Andrade e Tarcísio Patricio de Araújo. Com a crise vivida atualmente pelo Brasil e agravada pelo Golpe que retirou da presidência da república uma presidente legitimamente eleita; trazer para a atualidade o pensamento de um planejador do desenvolvimento profundamente preocupado e engajado com a pobreza no então chamado Terceiro Mundo é mais do que justificável, quando a vertente neoliberal que tem levado o mundo para uma crise sem precedentes, revelando-se inepta, estamos a carecer de reflexões que apontem para outras direções no sentido do bem comum da humanidade.

A crise mundial que já perdura desde 2008 e o fracasso de muitos modelos de desenvolvimento têm feito aumentar o interesse e as reflexões sobre o tema, que se tornou polissêmico. Em um momento em que já se fala em neodesenvolvimento, como se fosse suficiente encontrar uma nova denominação, sem aprofundar as dimensões dos acertos, fracassos e os muitos equívocos. O conceito que predominou a partir do pós Segunda Guerra Mundial foi promovido pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, e se baseava, sobretudo, no crescimento econômico. Ao mesmo tempo, foi problematizado por autores e escolas de pensamento em sentidos bem diferentes daqueles do mainstream, a exemplo da Comissão Econômica para a América latina em 1948, em autores como Gunnar Myrdal, Prebisch, Celso Furtado, Hirschmann, François Perroux, entre outros (Costa Lima, 2009, p. 77-102). O termo – dada certa versatilidade – perdeu consistência, perdeu precisão e tornou-se vazio, sobretudo a partir da hegemonia das ideias liberais e hiperliberais. Hoje, quando entre os teóricos sobressai uma grande perplexidade a respeito, é estimulante voltar a um pensador inovador como o foi Louis-Joseph Lebret (1896-1966), criador da escola Economia e Humanismo (*Économie et humanisme* foi uma associação francesa de origem católica, fundada em 1941 por Louis-Joseph Lebret, que desenvolveu um conceito de economia humana. A partir de Lyon, na região francesa de Rhône-Alpes, foram realizados trabalhos e estudos sobre o desenvolvimento, as políticas e práticas sociais, o emprego, a cooperação e a solidariedade mundiais. Também teve uma intensa

atividade de publicação de revista, de formação e animação de debates, deixando de existir em 2007).

O pensamento e a ação do padre dominicano foram importantes não apenas para o Brasil e a América latina, mas para a África e Ásia. Foi um precursor do que veio a se chamar geopoliticamente de Terceiro Mundo, mas também um dos esteios da Teoria da Libertação e da opção pelos pobres, que teve grande repercussão na América Latina.

Este trabalho busca apresentar as linhas mestras do pensamento de Lebret, que tem uma dimensão holística e que integra aspectos variados e complementares, incidindo tanto sobre economia, quanto sobre filosofia, o urbanismo, pobreza, nível de bem estar mínimo dos indivíduos, que integra necessidades irredutíveis como acesso a alimentos, vestuário, comodidades domésticas, trabalho regular, vida cultural, educação básica e também aquelas necessidades de dignidade e, portanto, não se reduz a aspectos materiais da vida, mas a participação no processo político. Indica ainda a importância que tem esse pensador para as economias subdesenvolvidas, a necessidade de um conhecimento ampliado e que não se reduza apenas ao crescimento econômico e, finalmente, sumariza o conceito de desenvolvimento na obra do padre dominicano, bem como aos conceitos dele dependentes, relacionados à gestão do território, em processos que levem em consideração os interesses das comunidades, capazes de gerar uma democracia local qualificada.

Existe hoje uma fortuna crítica da vasta obra de Louis Joseph Lebret (1897-1966) que aprofunda o amplo leque de temas e problemas, em suas dimensões filosóficas, teóricas e de práxis política tratadas pelo criador de *Économie et Humanisme*.

2. Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente?

Em *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente*, traduzido para o português em 1960, Lebret (1958) estabelece uma nota prévia, que antecede a introdução do livro, bastante esclarecedora. O livro foi um trabalho de síntese de 30 anos de pesquisa e intervenção em escala mundial, pois ele esteve em 60 países fazendo seus estudos. É quando nos informa das suas referências maiores, que, segundo ele, estavam – no mesmo período –

apontando os graves problemas vividos pela humanidade, naquele contexto de estabelecimento da pax

americana, de início da Guerra Fria – da Guerra da Coreia (1950-53) e de lutas internacionais de natureza antineocoloniais: Toynbee; Josué de Castro; François Perroux e Myrdal.

Diz o padre dominicano que não teria ousado escrever o livro “se não fosse o resultado de numerosas observações realizadas em todo o mundo; mas fundamentadas em pesquisas detalhadas e sistemáticas, como as que ele realizou no Brasil e na Colômbia e outras mais rápidas na África e na Ásia, suficientes, no entanto, como base de comparações” (Lebret, 1958, p. 8).

Para o fundador do movimento Economia e Humanismo, a humanidade, termo por ele utilizado sistematicamente, havia tomado uma trilha de impasses e demonstrava incapacidade de equacionar os graves problemas civilizatórios de forma minimamente satisfatória.

Sobre o confronto entre Ocidente e Oriente no mundo dos anos 50, um impressionante contraste entre a aspiração geral dos homens a “adquirir mais valor e suas infantis concepções de mais valer, habitualmente confundidas com o mais ter ou mais possuir” (Lebret, 1958, p.10).

A avareza para ele havia tomado os países ricos, a desejar mais do que o necessário, contagiando assim os povos pobres. Esta questão é de grande atualidade, quando se remete aos grandes impactos trazidos pela destruição do meio ambiente, por um acionar intenso de desejos produzido pela articulação entre mídia e mercado, na produção de uma sociedade de consumo de massa ou ainda uma sociedade de consumidores, como analisou Zygmunt Bauman (1958, p. 71). Digamos que Lebret iniciava a constatar o que posteriormente se intitulou de pós-modernidade, que, como interpreta o sociólogo polonês, produz uma modernidade líquida, pelo que nada é sólido e tudo é impermanente. A sociedade dos consumidores é aquela do temporário, uma sociedade que “promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial, consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (Lebret, 1958, p. 8). O mais grave, e aqui Lebret e Bauman falam a mesma linguagem, é que “As pessoas classificadas como “subclasse” são condenadas à exclusão social e consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumismo segundo as regras estabelecidas, justamente porque são, tal como os ricos e abastados, abertos às seduções muito bem amparadas do consumismo, embora, de forma distinta dos abastados e dos ricos, não possam de fato se dar ao luxo de ser seduzidos” (Lebret, 1958, p. 8).

Quando Lebret diz que, “preocupado consigo mesmo, o Ocidente caminha para a Barbárie”, está antecipando uma questão de nossos dias, da maior grandeza. Se considerarmos, por exemplo, o fenômeno

do movimento migratório sírio, quando milhões de pessoas em deslocamento buscam sobreviver a uma guerra civil estimulada e financiada em grande parte pelos próprios países centrais e que fogem de suas responsabilidades humanitárias ao impor restrições severas de acolhida, que já tem provocado alguns milhares de mortos, em nome da defesa de seus territórios e zonas de conforto.

Ao tratar das teorias do desenvolvimento, o dominicano francês reafirma o compromisso intelectual com o “novo humanismo”, uma reflexão fortemente diferenciada dos economistas da atualidade, sobretudo aqueles que defendem o avanço capitalista e a neutralidade axiológica da ciência, inclusive a história dos fatos e do pensamento econômico, que se apresenta como uma ideologia para um capitalismo avaro e desenfreado.

Lebret fala da necessidade de se pensar mais generosamente e que a situação vivida em seu tempo estava a exigir uma renovação das mentalidades e uma urgente elaboração dos fins e meios de uma nova civilização.

Ao fim da nota que abre seu livro *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente*, ao agradecer a muitas pessoas, e a milhares daqueles que foram entrevistados em suas pesquisas em mais de 50 países, Lebret faz um agradecimento especial a Josué de Castro, de quem recebeu o convite para participar de uma pesquisa realizada pela Comissão Nacional de Bem Estar Social, sobre os níveis de vida dos operários de cidades brasileiras.

Há que se registrar a sua busca incessante por uma aproximação com as populações da base social, dos pobres trabalhadores nos países periféricos, através de pesquisas empíricas minuciosas, como condição indispensável para fazer a avaliação dos (des)caminhos da economia. ■

Referências:

Bauman, Zygmunt, *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

Costa Lima, Marcos. “Desenvolvimento, Globalização na periferia: o elo perdido”. In: Cícero Araújo e Javier Amadeo (org.): *Teoria Política Latino-Americana* (2009). São Paulo: Hucitec, 2009.

Lebret, J.L. *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1958.

Marcos Costa Lima é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor pela Unicamp e Pós-Doutor pela Université Paris XIII- Villetaneuse.